

# LETICIA COLIN

Nas artes pela sensibilidade e necessidade de se expressar através do corpo, a atriz é um dos maiores nomes de sua geração. Ao longo dos mais de 25 anos de carreira, se consagrou pelas vilãs icônicas que interpreta e conta que o segredo para a entrega que transparece em cena é a coragem de se investigar e lidar com o próprio desconforto

Por **Nívia Passos**

Fotos **Mylena Saza**

Styling **Maika Mano**





Vestido e sapatos, **Ferragamo**. Brincos e anel da mão esquerda, **Nádia Gimenes**. Pulseira e anel da mão direita, **Swarovski**. Meia-calça, **Calzedonia**. Na página ao lado, blusa e blazer, **João Pimenta**. Anéis, **Swarovski**



Em *Alice no País das Maravilhas*, obra mais famosa de Lewis Carroll, que também virou animação da Disney, a protagonista faz descobertas sobre si mesma e o mundo por meio de experiências fantásticas que, no final, o leitor descobre não passarem de um sonho. Ainda que se trate de uma história que faz parte do imaginário, não é preciso ir muito longe ou saber a fundo sobre ela para associar o conto ao ofício da atuação, no qual o universo fantástico e novo da menina criada pelo autor britânico pode ser relacionado às tantas possibilidades oferecidas por um roteiro.

Atriz desde os 8 anos de idade, com a primeira personagem de destaque aos 10 – a Glorinha, do seriado *Sandy & Junior, quem lembra?* –, Leticia Colin escolheu, não por acaso, alguns elementos inspirados no romance para estarem entre as tatuagens que exhibe na pele. Alice, personagem que gosta há muito tempo, pode ser vista como um símbolo das transformações que viveu e descobriu com as mulheres que interpretou ao longo da carreira, especialmente as vilãs, pelas quais conta ter fascinação: "Eu tenho devoção por elas. Na história do cinema, do teatro e da literatura, sempre assisti com muito encantamento".

Já o coelho, que carrega um relógio e age como se estivesse atrasado o tempo inteiro, representa a fase em que a artista sentia estar sempre em dívida para entregar mais. Talvez por isso, inclusive, o medo de não chegar aos 30 anos fosse tão forte, ainda que injustificável, como revela em certo momento do papo que originou a entrevista a seguir. "Não sei se era trauma, mas eu me perguntava se iria morrer antes. No meu aniversário, fiquei muito feliz por ter chegado até ali", conta. Agora, prestes a completar 35, Leticia tem uma nova relação com o futuro que tinha medo de não ter. O espelho, que coincidentemente também tem destaque na sequência de Alice, já a faz perceber que os anos têm passado. Mas, ao olhar para tudo que ainda tem pela frente, entende a preocupação, uma das consequências da ansiedade tão comum à juventude.

Agora, em outro momento, colhe os frutos de todo o aprendizado e se mostra cada vez mais pronta para ser o que já se anunciava no começo. A coragem que não se opõe à sensibilidade, uma das misturas responsáveis por levá-la ao caminho das artes, é a receita para a composição de personagens marcantes e cheias de camadas. Assim como a inquietação e a busca pelo diferente, que resultaram no desapego ao mudar constantemente de aparência ou arriscar um novo jeito em prol da história a ser contada. A veia artística, por sua vez, faz com que se abra para as diferentes formas de expressão – inclusive a música. E a junção de tudo isso, além dos demais temperos da composição de seu todo, faz com que ela aceite o desafio de formar um novo ser no mundo, sendo a mãe orgulhosa do pequeno Uri, de 5 anos.

Com a clareza de quem se investiga na terapia, uma de suas principais aliadas, junto à fé, Leticia Colin não precisa pensar muito ao falar sobre quem é hoje ou sobre os sonhos para o futuro. No entanto, longe de se achar dona de respostas definitivas, abraça e celebra as incertezas e as constantes transformações que sabe que virão, assim como no famoso sonho de Alice em seu mundo das maravilhas. A seguir, com a clareza de quem absorve até a parte realista dos contos de fadas, nossa estrela de dezembro. →



"Sempre senti que pertencia ao

diferentes, muitas vezes



mundo dos que eram

julgados como

estranhos, hipersensíveis"



**Sua estreia na TV foi bem nova, como a personagem Glorinha no seriado *Sandy & Junior*. Já nessa época, você sabia que queria ser atriz?**

Me apaixonei já trabalhando, nunca imaginei que minha vida seria isso. Muitas vezes, durante a caminhada, também duvidei de mim, tanto que cheguei a desistir. A pesquisa corporal me move muito como atriz, então já comecei uma faculdade de dança, que não concluí, e sonhei em ser fisioterapeuta para cuidar das pessoas e me cuidar melhor. Já quis ser advogada, passei na faculdade de história na UFRJ e cursei metade de jornalismo. Mas, hoje em dia, me sinto pactuada oficialmente na profissão. Envolve muito o emocional e, desde o início, era saudável estar em um lugar onde eu podia ser diferente, singular, sensível. As pessoas entendiam quando eu me emocionava facilmente, quando dançava de um jeito considerado esquisito no mundo mais convencional ou quando optava por fazer uma maquiagem fora do padrão. Sempre senti que eu pertencia ao mundo dos que eram diferentes, muitas vezes julgados como estranhos, hipersensíveis.

**E essa sua primeira personagem já era uma vilã, que é algo que você tem feito com frequência. O que vê de tão especial em viver essas personalidades?**

Eu tenho devoção pelas vilãs. Na história do cinema, do teatro, da literatura, sempre assisti com encantamento. Elas têm algo extraordinário no comportamento, no sentido de não ser corriqueiro. Como uma lente de aumento, algo especial. É interessante porque é um cruzamento da maneira como a gente vê a mulher na sociedade. As mocinhas eram mais aprisionadas em um tipo de ação esperada dramaturgicamente, então, eu ficava torcendo para pegar uma personagem que, ainda que fosse menor, não tivesse esse compromisso com a bondade e com o que é certo. Tem uma permissão de comportamento que só as vilãs têm, porque elas falam de sexo, erram, são descontroladas e têm autonomia sobre as próprias vidas. Esses temperamentos mais humanos operam de uma maneira mais intransigente, propiciam uma experiência com um sabor diferente. É como você comer um prato com suculência. Servir essa refeição farta e com muitos sabores para quem for me assistir é meu grande prazer.

→





Saia e blazer, **Victor Belchior**. Top laço, **Carlos Penna**. Sapatos, **Zara**

**Em *Garota do Momento*, você vive Zélia. Como está sendo esse projeto?**

Meu processo de preparação foi diferente nesse trabalho, mais breve, então Zélia e eu estamos nos descobrindo enquanto gravamos, o que é muito legal também. Ela tem uma outra faceta, mais verdadeira e profunda, motivo pelo qual se submete a certos interesses e mentiras. Ela tem uma vingança pessoal, que, na verdade, ainda não sei se é vingança ou justiça, porque as vilãs têm esse poder de confundir. A Zélia construiu uma figura social muito forte, que tem a ver com a época também [a novela é ambientada em 1968]. Traz semelhanças das personagens de Marilyn Monroe, que desempenhava sempre aquele arquétipo nos filmes, de uma infantilização junto à hiperssexualização, o que é muito conveniente para a sociedade conseguir manipulá-la. Quis colocar esses elementos e estou muito feliz com o resultado.

E acima do meu trabalho, também tem o fato dessa novela ser importante por mostrar as violências que eram sofridas pela mulher negra. Me sinto feliz de estar em um projeto que a protagonista é a Duda Santos, sabe? Isso, para mim, é motivo de orgulho. É um momento histórico o que estamos vivendo e eu comemoro bastante.

**Você é uma artista que troca bastante com suas diretoras, como a Luísa Lima e a Julia Rezende. Como se dá esse processo?**

É incrível porque você pode se aprofundar, como em uma obra. Eu, por exemplo, gosto do Gabriel García Márquez, e, ao ler os livros dele, percebo como ele consegue se superar retomando um tema que tem como importante. Então, nessa parceria, tem isso de a gente ter tempo de mergulhar no trabalho artístico. É uma comunhão que se aprofunda, uma relação de amizade que vai levando meu trabalho para lugares que eu não conheceria se estivesse esse tempo todo atuando com novos diretores – o que também é bom, mas o aprofundamento é algo muito mágico. Ainda mais mulheres com filhos, sensíveis, inquietas, que se desafiam e que também não têm medo da autoinvestigação.

**Além de atuar, você também canta. Já fez vários musicais e acabou de gravar o especial do Roberto Carlos. Que espaço ocupa a música na sua vida hoje?**

Ocupa um espaço cada vez maior. Eu tenho vontade de compor, e até tenho umas músicas, mas sempre pensei no que eu cantaria. Nos últimos meses, na preparação para cantar com Roberto Carlos, tenho ouvido muita coisa que gosto, como bolero, Nelson Gonçalves, Moacyr Franco, Dolores Duran, e entendi que poderia ser por aí o repertório. Sobre esperar uma Leticia cantora... Eu gostaria. Tenho medo dos títulos, mas uma performance ou algo assim, pode ser.

**Você é ligada à terapia e à religião – no caso, o budismo. Como você definiria o espaço desses dois pilares na sua vida?**

Ah, a terapia! Quando eu acho que já tenho a relação mais íntima do mundo, ela me surpreende e sinto que dá para me aprofundar mais. Para virar realmente uma conversa do acesso, do remédio e da cura. Estou mais afastada do budismo nos últimos tempos, porque não tenho conseguido praticar tanto, mas tenho estado bem próxima do candomblé. Aprendo bastante e tem feito sentido para mim.

**Como você diria que o desconforto que acompanha a terapia dimensiona o seu lado artístico?**

Um ator sem terapia é um ator mais pobre. Porque é como se você se visse em 360 graus, o que pode ser bem desagradável às vezes. Entender porque você falou uma coisa, fez uma escolha, é constrangedor, e para o ator é muito importante acessar o constrangimento, seus limites e preconceitos. Tenho achado curioso perceber situações que eu evitava por ficar sem palavras, tímida, e isso me dá um ganho pessoal imenso para a atuação. É gostoso se sentir potente, eloquente, falante, mas o que está acontecendo de precioso quando a gente se sente assustado? Tenho valorizado surfar nesse desconforto.

**Recentemente, você passou por um divórcio com o Michel Melamed, que também é seu parceiro artístico e uma pessoa que continua próxima. Como vê essa transformação do sentimento?**

É bem desafiador. Acho que o caminho mais fácil é o rompimento e, às vezes, parece mesmo que só tem esse, porque é dolorido e parece impossível reinventar. Eu não tenho fórmula de nada. Tropeço muitas vezes, mas, por amor, e pelo próprio desafio pessoal da nossa experiência neste planeta, me proponho a transmutar, a trazer o meu melhor, porque acho que vai ser mais bonito para a história como um todo. Mas é um esforço. Quem passa por isso sabe. →



Macacão, **Zara**. Colares, pulseira e anel, **Swarovski**. Sapatos, **Christian Loubotin**



**Da relação de vocês, nasceu o Uri – que, agora, está com 5 aninhos. Qual você apontaria como a maior transformação depois que virou mãe?**

Nossa, são tantas! É um negócio profundo, um atravessamento de todas as camadas. Sempre tive essa certeza de que seria mãe, desde nova. E não foi nada do que eu imaginava [risos], mas tudo o que eu precisava. Eu acho surpreendente a maternidade. Desde o processo da feitura do bebê, onde você pensa "meu Deus, estou fazendo um coração, um pulmão, um cérebro", tudo isso é de uma outra dimensão. Tem muitas coisas que vivi e sei que me habitam, mas que ainda não processei racionalmente. Sou um ser diferente, mas eu nem saberia te explicar e nomear, porque são coisas além da minha capacidade racional, ligadas a esse poder da criação suprema, da magia da vida. É mágico e, ao mesmo tempo, corriqueiro, e isso eu acho encantador.

**Em uma sociedade ainda muito machista, sente algum desafio ou pressão maior em criar um menino?**

Totalmente. É uma possibilidade de fazer algo diferente, né? Essa transformação profunda que o planeta tem que fazer vem de todos os seres humanos, mas se o homem não mudar, ainda mais um homem branco, vamos repetir um ciclo de sofrimento, empobrecimento e desumanização da vida pela reprodução de uma ideia falaciosa de superioridade. Desconstruir isso é o que pode nos salvar. É uma responsabilidade imensa. E vai desde um detalhe muito básico, de você ter que falar 30 vezes para a criança tomar banho, até "estou criando um ser humano que vai atuar politicamente no mundo, tomar decisões, mexer nessa estrutura energética mais sutil". É muito lindo.

**Falando em autoestima, você se mostra bem desprendida com as transformações capilares. Isso é algo seu ou diria que aprendeu a lidar na profissão?**

Acho que eu seria essa pessoa mesmo se não fosse atriz. Eu seria aquela amiga que está sempre inventando alguma coisa, que pinta e corta o cabelo. Gosto de me surpreender, de falar "ih, que cara é essa que eu não conhecia?". Às vezes, quando me vejo em uma cena inteira, de repente tem um segundo em que capto uma expressão ou respirada diferente, e aí fico feliz. Vem desse meu desejo de novidade.

**Como está sua relação com o que vê no espelho hoje?**

Eu tenho percebido que o tempo está passando [risos]. A gente começa a falar "nossa, tem uma coisa diferente nessa textura da pele, uma ruguinha a mais...". Mas, quando fico um pouco apreensiva, lembro das atrizes que mais amo, todas lindas e cheias de rugas. E também das que amo e fizeram plásticas, como a Nicole Kidman. Todas as opções estão aí. Também não vou me pautar por discursos, mas pela minha liberdade, meu bem-estar e o que eu quiser fazer com saúde e responsabilidade.

**Que espaço a moda ocupa na sua vida? Passou por um processo de entender do que gostava?**

Ah, várias vezes! Como gosto de mudar, tenho fases, e também fui encontrando vários parceiros na moda. Nesse lugar do styling, destaco o trabalho do Maika [responsável pelos looks deste editorial]. Entendi que não ficar dependente de *labels* foi algo que me fez gostar do trabalho dele, porque o objetivo é ir em direção à peça e não do quanto ela custou. Temos trabalhado muito com brechó, uma paixão com a qual eu tinha insegurança, porque a moda, às vezes, intimida a gente, né? Para ser fotografada, aparecer vira um momento tenso: você chega em uma coletiva, para ali e surgem vários flashes. Eu sou extrovertida, desencanada, mas, em algum lugar, sempre ficava pensando se seria julgada e se conseguiria comunicar o que sou. Mulher sofre com isso o tempo inteiro, mas eu tenho aprendido a ter essa liberdade de vestir o que quero e ter prazer nisso por sentir que tem uma história sendo contada em uma roupa, com tempero, combinação de elementos, mistura de cores... É uma alquimia também.

**Quais os sonhos e metas para os próximos anos?**

Eu gostaria de aprender uma outra língua, além do inglês e do espanhol. Gostaria de ter a experiência de morar fora, talvez em um país do Oriente por conta da minha fé e afinidade. Gostaria de fazer uma personagem que durasse muito tempo, e que eu envelhecesse com ela. Acho que a gente pode fazer isso no Brasil hoje em dia, porque abraçamos os streamings. Então, quem sabe, essa personagem me encontre? Ela seria mais má do que boa com certeza, mais livre do que passiva, com camadas [risos]. Acho que são bons sonhos. ⑩

*Headpiece,*  
**Walério Araújo.**

Editora de arte: Victoria Polak.  
Beleza: Daniel Hernandez.  
Produção de moda: Giovanna  
Naomi. Assistente de beleza:  
Carol da Mata. Camareira:  
Marisa Roledo. Set design: João  
Arpi. Produção executiva: Leila  
Ferrell e Monica Borges (Lemon  
Projects). Assistente de produção  
executiva: Isabela Macedo.  
Agradecimento: Hotel Unique.

